

POLÍTICA ECONÔMICA

Fraga diz que juros já podem ter redução real

Presidente do BC vincula queda no custo do dinheiro aos resultados na área fiscal

GUSTAVO ALVES
e DENISE NEUMANN

RIO – O presidente do Banco Central (BC), Armínio Fraga, afirmou ontem que já há condições para a queda da taxa de juros reais no Brasil, em palestra no 11.º Fórum de Altos Estudos, no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), coordenado pelo ex-ministro do Planejamento João Paulo dos Reis Velloso. Segundo ele, foi a “virada na política fiscal que criou as pré-condições para que os juros reais sejam mais baixos”. Velloso também disse que o Banco Central ficará atento para evitar “uma bolha financeira” na retomada do crescimento econômico.

O presidente do BC vinculou a trajetória de queda dos juros aos bons resultados na área fiscal. “O Banco Central é e será tão bom quanto a política fiscal subjacente que vigorar no País”.

Fraga disse que as empresas e bancos brasileiros estão pouco endividados em relação a seu patrimônio e isso explica, em parte, porque a recuperação da economia brasileira está surpreendendo analistas nacionais e estrangeiros. “Isso explica porque teremos crescimento no segundo semestre, se não já no segundo trimestre”, disse ele. “Não tivemos aqui a destruição de balanços que ocorreu na Ásia”, acrescentou.

Prioridades – Fraga listou três prioridades de ação do BC: um sistema de metas de inflação (inflation targeting), contribuição



Otávio Magalhães/AE

Fraga: “Não tivemos aqui a destruição de balanços que ocorreu na Ásia”

GROS ACHA DISPENSÁVEIS NOVAS PARCELAS DO FMI

para o desenvolvimento (que passa por um sistema de intermediação financeira eficiente e estável) e supervisão bancária. Neste último, observou, o BC precisa ficar atento para que não corra uma “bolha financeira na retomada da economia”. Em outros países que passaram por crises semelhantes, disse ele, esse risco ocorreu.

Fraga confirmou que o novo modelo de política monetária – baseado em metas de inflação – começará a ser colocado em prática no fim de junho. O modelo, disse, dará mais transparência à atuação do BC, que passará, também, a produzir um relatório trimestral da inflação. No iní-

cio da sua exposição, Fraga afirmou que o dever de um BC é dar condições para um ambiente econômico estável e previsível. Segundo ele, o dever do governo para proporcionar crescimento econômico é “viver claramente dentro das nossas contas”.

Ajuda do FMI – O principal executivo do Banco Morgan Stanley para a América Latina, o ex-presidente do BC Francisco Gros, disse que é possível que o Brasil abra mão da segunda ou da terceira parcelas de ajuda do Fundo Monetário Internacional (FMI). Segundo Gros, a continuar a “extraordinária receptividade” a emissões de empresas privadas que já se preparam para lançar títulos novos no Exterior e a recuperação da economia brasileira, as parcelas seriam “perfeitamente dispensáveis”.